



REVES - Revista Relações Sociais (eISSN 2595-4490)

O caderno escolar como artefato de pesquisa no sul do Amazonas

El cuaderno escolar como artefacto de investigación en el sur de Amazonas

The school notebook as a research artifact in southern Amazonas

Jusciléia Florêncio dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1026-2851>

Universidade Federal do Amazonas/Brasil

[Email-juscilea96@gmail.com](mailto:juscilea96@gmail.com)

Maria Isabel Alonso Alves

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2960-1200>

Universidade Federal do Amazonas/Brasil

E-mail: isabelalonsojp@gmail.com

Article Info:

Article history: Received 2021-12-28

Accepted 2022-03-11

Available online 2022-03-11

doi: 10.18540/revesv15iss3pp13816-01e



Resumo. Este artigo é um recorte de uma dissertação produzida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades - PPGECH, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, cujo objetivo é mostrar um possível delineamento metodológico sobre a abordagem dos conteúdos étnico-raciais, tendo os cadernos escolares usados por alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental como artefato empírico da pesquisa. Para a escrita deste artigo julgamos adequado utilizar a abordagem qualitativa numa perspectiva metodológica amparada em autores e autoras que abordam a análise de cadernos escolares em suas temáticas, trata-se, portanto, de uma abordagem bibliográfica, e que tem nos Estudos Culturais e Grupo Modernidade e Colonialidade sua lente teórica de investigação entre outros autores que perpassam este campo de estudo. Os resultados desta visa trazer ao contexto educacional local, e de modo geral em nossa sociedade reflexões, e ações a respeito da aplicabilidade da Lei Nº 11.645/2008 com relação a educação das relações étnico-raciais. As reflexões aqui postas apontam que o caderno escolar pode ser um importante material empírico de pesquisa sobre as questões étnico-raciais no Sul do Amazonas, especificamente na rede municipal de ensino de Humaitá.

Palavras-chave: Ensino. Caderno Escolar. Questões Étnico-Raciais.

Abstracto. Este artículo es un extracto de una disertación producida en el ámbito del Programa de Posgrado en Enseñanza de Ciencias y Humanidades - PPGECH, de la Universidad Federal de Amazonas - UFAM, cuyo objetivo es mostrar un posible diseño

metodológico sobre el abordaje de contenidos étnico-raciales., teniendo como artefacto empírico de la investigación los cuadernos escolares utilizados por los alumnos de los primeros años de la Enseñanza Fundamental. Para la redacción de este artículo, consideramos adecuado utilizar el enfoque cualitativo en una perspectiva metodológica sustentada en autores que abordan el análisis de los cuadernos escolares en sus temáticas, es, por tanto, un enfoque bibliográfico, y que tiene en los Estudios Culturales y Grupo Modernidad y Colonialidad su lente teórico de investigación entre otros autores que permean este campo de estudio. Los resultados de este tienen como objetivo traer al contexto educativo local, y en general en nuestra sociedad, reflexiones y acciones sobre la aplicabilidad de la Ley nº 11.645/2008 en relación a la educación de las relaciones étnico-raciales. Las reflexiones aquí presentadas apuntan que el cuaderno escolar puede ser un material empírico importante para la investigación sobre cuestiones étnico-raciales en el sur de Amazonas, específicamente en la red de educación municipal de Humaitá.

Keywords: Enseñando. Cuaderno escolar. Cuestiones étnico-raciales.

Abstract. This article is an excerpt from a dissertation produced within the scope of the Postgraduate Program in Science and Humanities Teaching - PPGECH, at the Federal University of Amazonas-UFAM, whose objective is to show a possible methodological design on the approach of ethnic-racial contents, having the school notebooks used by students in the early years of Elementary School as an empirical artifact of the research. For the writing of this article, we consider it appropriate to use the qualitative approach in a methodological perspective supported by authors who approach the analysis of school notebooks in their themes, it is, therefore, a bibliographic approach, and that has in the Cultural Studies and Modernity Group and Coloniality its theoretical lens of investigation among other authors that permeate this field of study. The results of this aim to bring to the local educational context, and in general in our society, reflections, and actions regarding the applicability of Law No. 11.645/2008 in relation to the education of ethnic-racial relations. The reflections presented here point out that the school notebook can be an important empirical material for research on ethnic-racial issues in the South of Amazonas, specifically in the municipal education network of Humaitá.

Keywords: Teaching. School notebook. Ethnic-Racial Issues.

1. Introdução

Considerando que o Brasil é um país colonizado e que foi construído historicamente por meio da exploração e escravização dos povos africanos e indígenas, que em consequência da exploração a população negra aqui presente sofre com os resquícios do período colonial imposto pelos colonizadores europeus, que disseminavam (na colonização) e disseminam (no colonialismo) a ideia de superioridade de raça entre os povos. Cabe entender como tais conceitos aparecem nos conteúdos escolares a partir dos registros nos cadernos escolares.

O processo histórico a respeito da apropriação da escrita e dos registros que levaram a ideia de construção do caderno como um recurso didático utilizado pelas práticas escolares, para que, entre outras de suas funções, fossem registradas as informações ensinadas e aprendidas pelos alunos. Em um sentido mais amplo, podemos mencionar que o caderno escolar se torna um artefato empírico importante a ser pesquisado, podendo ser verificado em seus registros, não somente os

conteúdos escolares inerentes ao processo de ensino, mas também práticas e cultura escolar, inclusive as aplicações visíveis e invisíveis das propostas curriculares.

Frago (2008) discorre sobre o processo histórico que deu origem a escrita no âmbito da escola apontando que este era realizado por meio de treino em tablete de cera ou em folha de papel avulsa, sendo estes registros, uma forma de verificação ou demonstração do aprendizado do estudante ou de sua evolução com a escrita. Assim, os alunos faziam diversas cópias até alcançarem certo nível perfeição. Ainda de acordo com Frago (2008), as melhores cópias eram encadernadas e reservadas para consultas posteriores, sendo que, somente os alunos que tinham uma caligrafia considerada perfeita eram submetidos a exame de avaliação de desempenho ou aprendizado por parte dos docentes.

A esse respeito, Chartier (2002) descreve que, por volta de XVIII, os colégios passaram a utilizar caderno em branco, encadernado com folhas virgens para que fossem escritas cópias de textos pelos alunos a serem corrigidas pelos docentes. Cabe ressaltar que Souza e Santos (2018) concordam quando afirmam que o caderno escolar se tornou um objeto de apropriação da escrita e, por meio deste, a escola passou a obter o total controle do ensino das atividades que foram ou não realizadas, o que está sendo ou não aprendido pelo aluno. Ainda, segundo os autores, os cadernos escolares servem como meio para inculcação dos ordenamentos impostos pela escola.

Em visão foucaltiana (“vigiar e punir”), o caderno escolar pode ser um instrumento de controle sobre o aprendizado do aluno e sobre a prática pedagógica docente, que poderá ser facilmente verificada nos registros dos cadernos. A escola, neste sentido, pode utilizar o caderno escolar para exercer controle e vigilância sobre os conteúdos aplicados no contexto da sala de aula pelo docente da mesma forma que o docente controla o aprendizado do aluno a partir dos conteúdos registrados nos cadernos. A vigilância/controle pode ocorrer tanto da escola sob alunos e docentes, como do sistema de ensino sob a escola, inclusive.

Ribeiro (2018), nesse sentido, aponta que a escola é dos meios de reprodução do pensamento colonial Europeu. Isso nos remete a pensar que talvez os registros dos cadernos escolares estejam repletos ou não do que possivelmente é inculcado, e reproduzido nas escolas. Assim, Chartier, (2002, p. 162) chama atenção para o fato de que “em dois séculos o caderno foi sucessivamente um livro de memória, uma vitrine do trabalho escolar e, por fim, passa a ser o espelho das aprendizagens em curso”, isso nos leva a perceber a dimensão e diversidade de informações contidas ou retidas no caderno escolar.

O caderno escolar, nesta forma de ver, se mantém como uma fonte na qual podem ser encontrados os registros dos conteúdos trabalhados, das práticas e da cultura da escola, além das marcas “borrões” da subjetividade do aluno. O caderno escolar pode estar repleto de informações que podem ajudar a responder as inquietações que motivaram a pesquisa sobre como as questões étnico-raciais tem sido abordada nos conteúdos escolares, levando em consideração os registros escritos encontrado nos cadernos de alunos dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas do contexto da cidade de Humaitá/AM, pesquisa a qual este artigo é um recorte, cujo, objetivo geral é identificar questões étnico-raciais nos conteúdos ministrados nos anos iniciais a partir de registros feitos pelos alunos em seus cadernos escolares no contexto educacional de Humaitá/AM, a fim perceber se houve a aplicabilidade da Lei Nº 11.645/2008 por meio dos conteúdos escolares trabalhados, e registrado no caderno. Cabe ressaltar que os registros escritos se tornam provas irrevogáveis, algo que não se pode negar.

Cabe salientar, que a pesquisa mencionada leva em consideração a série/ano escolar em que o aluno se encontrava, conforme a Lei N 11.645/2008, a fim de investigar se, quais, e como as questões étnico-raciais aparecem nos conteúdos registrados nos cadernos escolares, sob a lente teórica dos Estudos Culturais e do Grupo Modernidade/Colonialidade, e autores que permitem articulação à perspectiva metodológica pós-crítica que abrem “passagens para outras ferramentas conceituais como raça, etnia, gênero, sexualidade, idade, relações de poder, processos de subjetivação, etc. (LAFFIN et al; 2015, p. 88).

Assim, entendemos que os caminhos metodológicos que percorreremos “permitem pensar o quanto é fundamental sair do lugar, experimentar abrir mão das certezas e das verdades, da racionalidade absoluta, abrir passagem para a curiosidade e para o desejo de olhar para nós e os outros” Laffin et al (2015, p .89). Nesse sentido, a perspectiva metodológica mencionada ajuda a pensar a respeito das questões étnico-raciais, bem como as relações inter(culturais), as representações e estereótipos, a produção de identidades/diferença, as ambivalências, entre outras relações ou marcas da colonialidade que podem aparecer nos registros dos alunos em seus cadernos escolares.

Entendemos que os pensadores do campo dos Estudos Culturais, e do Grupo Modernidade/Colonialidade ou do giro decolonial, contribuem na (des)construção das ideias disseminadas pelos colonizadores Europeus, que, possivelmente possam aparecer nos cadernos escolares por estarem fortemente arraigados contexto cultural brasileiro e postos, inclusive, nos currículos escolares. A fim de possibilitar novos olhares, conhecimentos, e descobertas a respeito dessas questões e de como elas vem sendo trabalhadas no contexto da cultura escolar de Humaitá/AM, buscamos articular a proposta dessa pesquisa a análises dos documentos oficiais e leis que regulamentam o ensino no Brasil, para que assim possamos melhor aprofundar, entender e debater essa temática no âmbito local, bem como instigar debates que auxiliam o entendimento sobre a temática.

Cabe ressaltar que o Brasil construiu parte de sua história por meio da escravização dos povos negros que eram trazidos a força dos países de origem africana, aqui foram explorados, maltratados sofreram todo tipo de barbárie servindo aos senhores brancos e colonizadores sem qualquer tipo de direitos. Nos remetemos a Dantas (2012) ao apontar que, mesmo após mais de três séculos de história e escravidão, os negros ainda vivem as consequências devastadora do período colonial e mesmo após alcançar a liberdade ainda precisam viver como se escravizados estivessem por conta do estigma que carregam e que os inferiorizam.

Nesta forma de ver, concordamos que a cor da pele implica nas barreiras raciais, inferindo a ideia de uma suposta superioridade de raça (QUIJANO, 2005), que leva, conseqüentemente, a cultura do branqueamento (FANON, 2008). Aníbal Quijano e Franz Fanon ajudam a entender o estigma racial deixado pelas marcas da colonização quando discutimos raça e cultura do branqueamento. Dantas (2012, p, 88) também aponta que a suposta superioridade de raça está impregnada “de maneira incalculável, e quase irreversível em nossa sociedade”.

Contudo essa situação permanece inferiorizando e estereotipando a população negra e indígena no contexto brasileiro, os quais precisam continuar lutando diariamente para se reafirmarem enquanto sujeitos em um contexto de diversidade cultural. O conceito de identidade aqui adotado está ligado ao que sugere Silva ao apontar que “A afirmação da identidade e a marcação diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir” Silva (2013, p. 82), e em meio ao racismo, as

discriminações e os preconceitos são vivenciados pelos negros por conta da diferença racial, cultural e outras.

Apesar de enfrentarem desigualdades, injustiças, e exclusões sociais, os negros continuam lutando por reparação dos direitos que sempre lhe foram negados. Lembrando, que os negros estão sempre ocupando lugares e posições de subalternidade e inferioridade, continuam sofrendo por conta da ideia de superioridade de raça que persistem em nosso país.

Cabe lembrar que “a história do negro foi contada pelo ponto de vista de pessoas brancas elitizadas, escritores que formaram ideias, e opiniões pelo viés do colonizador em detrimento do colonizado escravizado” Fernandes (2017, p.149). Assim, a desconstrução desta ideia requer urgência devido a maneira como foi criada a cor preta pelos europeus, como definição de tudo que é inferior e ruim (QUIJANO, 2005) enquanto a cor branca, e o branco, masculino, hétero e cristão são considerados, a partir do pensamento moderno, padrões sociais, além de serem sinônimos de superioridade. Esta ideia foi tão bem impregnada que a sociedade brasileira não consegue uma total libertação deste pensamento, e desta associação com relação a cor e a raça. Conceitos e pensamentos eurocentrado implicam no colonialismo. A colonialidade ocorre por meio das reproduções repassadas através da cultura que produzimos, e que modela o sujeito. Tais reproduções podem ser percebidas, inclusive, nos currículos escolares e seus conteúdos

2. O caderno escolar como artefato de pesquisa: aporte teórico metodológico

Para realização deste estudo julgamos adequado utilizarmos uma abordagem qualitativa numa perspectiva metodológica inspirada no campo teórico de prefixo “pós” levando em consideração que esse tipo de pesquisa visa abordar conceitos que contribuam nas discussões acerca das relações étnico-raciais presentes nas práticas de ensino escolar, tema central aqui discutido. As pesquisas de prefixo “pós” são aquelas que “não se interessam por modos “certos” de ensinar, formas “adequadas” de avaliar ou por conhecimentos “legítimos”; a não ser para problematizar essas comprovações, esses modos, essas formas e conhecimentos” Paraiso (2004, p. 286). Assim, a abordagem metodológica desta pesquisa está inspirada em autores e autoras advinda da perspectiva “pós” amparada no campo dos Estudos Culturais e do grupo Modernidade/Colonialidade entre outros autores que articulam suas discussões com os campos mencionados.

As análises dos dados têm como principal foco os registros postos nos cadernos escolares. Autores como Chartier, (2002), Vieira e Küster (2018), Frago (2008), Kirchner (2018), Santos e Souza (2005) contribuem com reflexões aqui postas.

As marcas da colonialidade talvez estejam registradas nos cadernos escolares de maneira visível e/ou invisível, assim, para verificação e análise são sistematizados os conteúdos que apontam de alguma forma, para as questões étnico-raciais, ou a ausência destes conceitos nos cadernos escolares.

Os registros verificados mostraram as relações étnico-raciais, os estereótipos, a suposta supremacia branca eurodescendentes e sua influência no branqueamento cultural, e outros temas que abordem os conceitos de raça, etnia, diversidade cultural e identidade, também considerados importantes para as análises.

O levantamento dos cadernos foi por meio da metodológica *snowball*, metodologia também divulgada como *snowball sampling* “Bola de Neve” Baldin e Munhoz (2011, p. 332), uma vez que essa técnica viabiliza as condições necessárias tanto para atender o momento pandêmico em 2020/2021, quanto para garantir uma

busca mais ágil, já que essa técnica permite que a informação possa ser repassada de um para o outro, assim buscamos os cadernos que já foram usados pelos alunos.

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 332).

O contato se deu por meio de canais de acesso, como aplicativos o *whatsApp* e *e-mail* eletrônicos, primeiro para manter a segurança devido a questão pandêmica que estamos vivenciando. Depois para facilitar a agilização do próximo contato, pois “a *snowball sampling* ou “Bola de Neve” prevê que o passo subsequente às indicações dos primeiros participantes no estudo é solicitar, a esses indicados, informações acerca de outros membros [...] (e agora indicados por eles)” (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 333).

Partindo desse primeiro contato, foi solicitado o empréstimo ou doação dos cadernos usados por crianças inseridas nos anos iniciais (à época dos registros). Para recolhimento tanto dos cadernos doados ou emprestados. Assim, também ficou acordada a possível data de devolução dos cadernos que foram apenas emprestados.

A metodologia aqui mencionada está ligada ao conceito de articulação trazido por Wortmann (2005). Segundo a autora, os Estudos Culturais se articulam e explicam questões relacionadas com a educação onde através do próprio campo de estudo (Estudos Culturais) pesquisa que tenham a educação como foco tem se ampliado no contexto brasileiro, e nesse sentido, ainda segundo (WORTMANN, 2005) por ter maior disponibilidade em sua diversidade, e por sua flexibilidade, os estudos dos campos culturais é alvo de muitas críticas vindas especialmente de outras áreas do conhecimento no espaço acadêmico.

Áreas conservadoras defendem a maneira tradicional de investigações, sendo que, o que diferencia as pesquisas sob a lente teórica dos Estudos Culturais das formas tradicionais de pesquisa, é justamente porque este campo teórico permite metodologias diversas que tragam novas formas de produzir e analisar os dados, sem considerar os resultados como uma única ideia de verdade, mas como verdades (com s) que fogem das metanarrativas constituídas pela ocidentalidade em suas formas de fazer pesquisa, contrariando, de certa forma, as áreas de estudos fixadas em tradições positivistas.

Segundo Wortmann (2005), pesquisadores inspirados no campo dos Estudos Culturais têm buscado novas concepções de pesquisa e resultados que contemplem aspectos culturais, identidades, como visão, entre outros aspectos ligados à subjetividade dos sujeitos, que seria justamente esse, o fato que faz com que os demais estudos não aceitem ou reconheçam os novos modos de fazer investigação.

Lembrando que o conceito de articulação, como aponta Wortmann (2005), busca trazer novas reflexões sobre velhos problemas e questões que interferem na construção e formação do sujeito, assim como na produção da sua identidade/diferença, bem como nas representações e nos significados do meio em que estão inseridos como um sujeito social e cultural. A escola pode ser pensada como um local no qual produz e forma os sujeitos e, por meio dela, se impõem normas, valores, concepções, visões de mundo entre outros significados sobre o outro, sobre o diferente, e boa parte disso fica registrado nos cadernos dos alunos, sendo este, (o caderno) um instrumento empírico no qual as marcas e significações são impressas.

O caderno escolar como artefato empírico pode ser considerado um recurso metodológico ainda pouco explorado em pesquisas científicas e acadêmicas, especialmente em se tratando do campus o Instituto de Educação Agricultura e Ambiente (IEAA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) no qual não se tem registros de pesquisas neste sentido. O caderno pode ser considerado um documento oficial segundo (LUDCK; ANDRÉ, 2013).

Segundo Prodanov e Freitas, “é imprescindível correlacionar a pesquisa com o universo teórico” (2013, p. 131), assim, a questão teórico-metodológico vai direcionando o caminho que a pesquisa vai seguir, quanto ao interesse da pesquisa, e objetivos propostos. A análise documental, neste sentido, é uma fonte rica onde podemos obter informações seguras, permanentes que não costuma sofrer alterações constantes, assim complementam o que buscamos analisar, no sentido de amparo e confrontação das articulações pretendida, lembrando que, segundo Gil (2002), análise documental é composta de documentos que podem ser encontrados nas mais diversas instituições públicas e privadas, podendo ser encontrados em diversos formatos, e geralmente fazem parte de algum arquivo, além disso, “estes incluem desde leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares” (LUDKE; ANDRÉ, 2013, p. 45).

Assim, o caderno escolar como parte de um arquivo, é um documento oficial a ser analisado, de ordem válida, segura, e, passado a época de sua utilização imediata, não sofrerá alterações. Dando confiabilidade aos resultados, sendo este, um dos fatores que motivaram utilizar o caderno como artefato de investigação. O qual possui caráter posterior a sua produção, não violável, ou passível de tratamentos analíticos que possa interferir no resultado, assim, os documentos oficiais e “a pesquisa documental que se assemelha a pesquisa bibliográfica, mas se limitam na utilização de documentos que não receberam tratamentos analíticos (PRAÇA, 2015. p. 83).

Vale enfatizar que, análise documental é uma fonte rica onde podemos obter informações seguras, permanente que não costuma sofrer alterações. Contemplando assim, o que buscamos analisar nas articulações pretendida “outra justificativa para o uso de documentos em pesquisa é que ele permite acrescentar a dimensão do tempo à compreensão do social” (SÁ-SILVA et al; 2009, p. 02).

O caderno escolar como parte de um arquivo, bem como um documento a ser analisado de forma segura, o qual não será alvo de alterações por já está escrito, o que transmite confiabilidade em nossa pesquisa. Sendo justamente essas condições que chama nossa atenção para o caderno como artefato de investigação. De acordo com Ludke e André “a análise documental indica problemas que devem ser mais bem explorados através de outros métodos” (2013, p.46).

Articulando-se ao campo dos estudos culturais como método, ou recurso de análise desta pesquisa, buscamos realizar nossas investigações no caderno do aluno articulando com uma base de conhecimentos já escritos sobre a temática, mas que traga entendimentos que possam auxiliar nas articulações com os demais documentos a serem analisados. O embasamento no campo dos estudos culturais, por este ser um campo de estudo escorregadio que nos permite aberturas, se apropria dos mais diversos meios ou métodos, nossa investigação, traz novas formas de pensar as velhas questões, buscando conhecimentos e reflexões que possam contribuir com a realidade escolar e suas formas de pensar as questões étnico-raciais.

Este campo pensa as questões contemporâneas, muitas vezes silenciadas como “modos de construção política e social das ‘identidades’, abordando as questões da nação, raça, etnicidade, diáspora, colonialismo e pós colonialismo, sexo e gênero, etc. têm sido das temáticas mais investigadas nos últimos anos” Baptista (2009, p.

457). Nesse sentido, os estudos culturais proporcionam condições flexíveis para pensar as questões da atualidade, especialmente por que este, também busca pensar de maneira a desconstruir ideias postas e legitimadas, embora não faça promessas em trazer verdades, menos ainda verdades prontas ou absoluta, ou impenetráveis.

[...] perspectiva, a investigação em Estudos Culturais trabalha essencialmente com problemas de ‘tradução’ e justificação, não procurando propriamente a ‘verdade objectiva’, mas a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais [...] (BAPTISTA, 2009, p. 457).

Os estudos culturais auxiliam nas formas de analisar e perceber como tem sido colocado, nos cadernos dos alunos, as questões étnico-raciais. A (de)colonialidade tem sido palco de discussões ao longo dos anos, por conta da versão eurocentrada contada e construída historicamente no contexto brasileiro, através dos conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula.

As lutas do movimento negro mobilizaram medidas que obrigasse a discussão da temática da educação das relações étnico-racial nos discursos, e currículos escolares a partir da implementação da Lei Nº 10.639/2003 alterada para Lei Nº 11.645/2008 a fim de atender também as discussões indígenas, obrigando o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas de ensino básico de todo país. Nesse sentido, os estudos culturais ajudam a pensar os possíveis recursos que possamos recorrer em busca de trazer descobertas que contribua na desconstrução dos discursos que mostram apenas a versão do colonizador, de acordo com Baptista;

Na verdade, se algum ‘método’ há nos Estudos Culturais ele consiste na contestação dos limites socialmente construídos (por exemplo, de classe, gênero, raça, etc.) nas mais diversas realidades humanas. A ‘naturalização’ dessas categorias tem sido precisamente objecto de grande contestação a partir dos Estudos Culturais. Não admira, por isso, e desde logo pela marca de crítica constante com que nasceu e da qual se alimenta, que este domínio científico tenha tantas dificuldades em autolimitar-se (2009, p. 452).

Assim, com base nos campos dos estudos culturais podemos durante o processo de pesquisa até a finalizarmos este trabalho, se preciso, inserir novos instrumentos, ou técnicas, que possam vir acrescentar ou contribuir de forma proveitosa para as análises e resultados que possamos vir a trazer.

É possível também ampliar as discussões, trazer novidades, com embasamento, e fundamentos válidos cientificamente, pois no entendimento de Praça “a análise dos resultados deve demonstrar com que ferramentas os dados coletados [...] serão analisados e se estas responderão corretamente à questão levantada [...] a fim de oferecer condições para que o pesquisador possa confirmar ou refutar a hipótese inicialmente anunciada (2015, p. 83).

Cabe lembrar que o ato de pesquisar requer dedicação, seriedade, e compromisso com a investigação que se pretende realizar, “investigando, podemos aprender algo que antes não sabíamos” Moreira et al (2011, p. 20), embora, este precise também de uma certa imparcialidade, o pesquisador é possuidor de uma bagagem de conhecimento que faz parte do seu campo de formação, e de acordo com o que se propôs a estudar. Porém, por mais que a pesquisa emita um tom de

imparcialidade, o pesquisador nunca é totalmente neutro, pois suas análises, seus olhares, e reflexões tem como base sua subjetividade, e formação, com isso;

Os pesquisadores envolvidos com processos investigativos nessa área, que tentam superar as limitações impostas pelo formalismo metodológico da ciência moderna, entendem que a produção de conhecimento é concebida como prática social, construção coletiva, processo histórico, em oposição a uma visão de ciência em que o rigor é assegurado pela neutralidade, objetividade, assepsia conceitual (LAFFIN et al, 2015, p. 80).

Isso nos remete a entender que, o pesquisador ao procurar fazer suas investigações alinhadas às teorias do prefixo pós, está se inserindo também em um projeto político e, dessa forma, não há como ele manter neutralidade, ou uma não militância sobre aquilo que se propôs a investigar. Assim, torna-se mais envolvido nas questões a respeito da educação, e nas práticas pedagógicas de ensino que necessitam de constantes discussões, que segundo Moreira et al, “Livres da armadilha da verdade objetiva e real, eis-nos entregues a dúvidas e incertezas, que afinal, são uma boa razão para pesquisarmos” (2011, p.22). Lembrando que, a investigação aqui proposta não se limita a responder, ou satisfazer apenas nossas inquietações pessoais, mas trazer contribuições, novos conhecimentos que propicie discussões sobre temáticas que podem ser articuladas sobre a educação, e a sociedade de modo geral.

3. O caderno escolar como fonte de pesquisa

Partindo primeiramente das lacunas deixadas em pesquisas anteriores a respeito das questões étnico-raciais, realizadas por meio do Programa de Bolsa a Iniciação Científica-PIBIC I com o título “A presença de mulheres negras no IEAA/UFAM: identidade/diferença e gênero na educação superior” e PIBIC II com o título “Me declaro negra porque não tenho opção de me declarar branca”. Nas quais estudantes/mulheres/negras matriculadas conforme dados disponibilizados pela universidade na universidade Federal do Amazonas – UFAM, campus do Instituto de Educação Agricultura e Ambiente – IEAA. Sendo que, a autodeclaração era pré requisito para seleção das candidatas a participariam da pesquisa no PIBIC I.

Assim, os resultados apontaram, para possíveis lacunas a respeito da educação das relações étnico-raciais, destas estudantes, durante seu processo de formação no ensino básico, apresentando desconhecimento da participação, e importância dos negros na formação e história do Brasil. apresentaram comportamento de negação identitária, por conta da imposição do branqueamento identitário que vivenciamos no país. O que levou a fala de uma estudante, a ser o título do PIBIC II. No qual os resultados apontaram similaridade nas respostas das entrevistadas, inclusive a maioria destas, só passaram a aceitar-se, quanto a identidade étnico-racial, após alguns períodos de acesso à universidade, e a novos conhecimentos.

Por não puderam responder sobre indagações que iam surgindo por não fazer parte do interesse ou do recorte das pesquisas anteriores citadas. Ficando como uma das principais indagações como se dava o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana a partir dos conteúdos curriculares trabalhados em sala de aula, que está pesquisando em andamento, buscando continuar as investigações a respeito da educação das relações étnico-raciais, como pedagoga mudando o foco para os anos iniciais do ensino fundamental. A partir do caderno já usados pelos estudantes como artefato empírico da pesquisa.

Assim, para delineamento desta atual pesquisa em andamento, busquei fazer um levantamento sobre discussões referente a temática étnico-racial, a partir da construção de um artigo como o estado do conhecimento, ou estado da arte que contribui para verificar o que já foi pesquisado, como as metodologias usadas, e que resultados foram encontrados em pesquisa sobre a temática. Assim, segundo Romanowski, Ens, “compreender como se dá a produção do conhecimento em uma determinada área do conhecimento em teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos de periódicos e publicações” (2006, p. 39), ajuda o pesquisador perceber os caminhos teórico-metodológico a seguir, e as lacunas deixadas, visando o aprimoramento da pesquisa em andamento. As dissertações selecionadas por meio da Biblioteca Digital de Tese e Dissertações – BDTD, para construção deste artigo o estado do conhecimento, mostraram segundo Santos e Alves;

Que ainda há muitas lacunas deixadas quando se trata da aplicabilidade das Lei 10.639/2003 e 11.645/2008, seja em São Paulo, Rondônia, Ceará ou outros estados brasileiros. Nesse sentido, entendemos que, para que haja de fato a efetivação das leis referidas, é preciso empenho e um currículo que permita a efetivação de práticas escolares que caminham neste sentido. As pesquisas mostram que a escola é um dos locais de cultura, onde os discursos de identidade aparecem e se produzem. Os conteúdos escolares, articulados aos discursos eurocêntricos reproduzem estereótipos e muitas vezes invisibilizam conhecimentos advindos de culturas “menores”. A prática docente deve estar voltada para o contexto da diversidade e das diferenças, assim, por mais que os materiais didáticos produzam discursos polarizadores, binários, racistas e preconceituosos, é possível questionar e subverter tais processos (2021, p. 13).

O foco é perceber a aplicabilidade da Lei Nº 11.645/2008 através dos conteúdos escolares escrito nos cadernos dos alunos. O caderno escolar passa ser considerado o artefato empírico relevante na composição dos dados a serem analisados, lembrando que, para que haja mudança na forma como têm sido trabalhadas as questões étnico-raciais, as práticas de ensino necessitam “combater o racismo e garantir a inclusão dos conhecimentos das histórias e culturas historicamente excluídas do currículo escolar é elemento que promove maior democracia curricular e contribui para a descolonização dos currículos” Souza (2016, p. 74).

Considerando que na escola ainda está presente a cultura colonial como sendo o modelo a seguir, e, que este modelo normatizado pela escola invisibiliza a história da cultura negra no Brasil, bem como as identidades étnico-raciais, e as diferenças sociais, de modo geral está (a escola) precisa ser repensada. Nessa forma de ver, a escola acaba valorizando e legitimando a cultura e o conhecimento dos colonizadores eurodescendentes, colocando os negros numa posição de subalternidade nos conteúdos escolares. Assim, infere-se que as propostas curriculares trabalhadas, mediante a prática pedagógica docente, acabam inculcando nos sujeitos escolares (estudantes) pensamentos estereotipados, arraigados em padrões europeus que inferiorizam tudo que for diferente deles.

Isso remete entender que os conteúdos escolares, grande parte destes, expostos nos livros didáticos, norteiam a prática de docentes, que por sua vez, acabam repassando aos alunos tais pensamentos eurocêntricos, com pouca, ou nenhuma reflexão crítica. Assim, no caderno aparece o que foi, ou não ensinado.

“Quanto aos critérios de seleção de materiais pedagógicos, dentre eles o livro didático, sempre estiveram nas pautas dos movimentos sociais negros e as pesquisas realizadas denunciaram a veiculação de estereótipos e mensagens discriminatórias nesses materiais” Souza (2016, p. 66). Os livros didáticos possuem vencimentos trienal, e conforme o tempo da implementação da Lei Nº 11.645/2008 os conteúdos dos livros didáticos já tiveram tempo para se adequarem, assim, orienta a lei;

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil (BRASIL, 2008, p.01).

Entendimentos dessa natureza motivaram pensar os cadernos escolares como fonte de pesquisa, pois contém registros que possam dar conta de informações sobre como tem sido abordado as questões étnico-raciais a partir também da implementação da Lei Nº 11.645/2008, lembrando que está foi criada pela força de diversos movimentos negros, que uniram a intelectuais, artistas, militantes e simpatizantes.

A aprovação desta lei surgiu como uma medida de reparação aos prejuízos causados aos negros brasileiros. Souza afirma que, “visto que nenhuma lei, por si só, modifica uma realidade ou é determinante para influir no sentimento que uma pessoa tem em relação à outra” (2016, p. 62), assim, a preocupação se torna maior com a falta de garantia do comprimento desta, seja por conhecimento, seja por condições de aplicabilidade, seja pela naturalização com que tem sido tratada essa questão, como se a inferiorização ou não reconhecimento do outro (o negro) não existisse, ao mesmo tempo, há a reprodução normatizada do pensamento europeu, especialmente no âmbito escola, assim conforme Vieira e Küster;

Considerando a ampliação e a diversidade de fontes documentais, promovida pela história cultural, os cadernos escolares passaram a ser reconhecidos como tal, representando vasto campo para pesquisa em História da Educação. Nessa perspectiva, este estudo analisou questões visíveis e invisíveis, perceptíveis nos registros de cadernos escolares, evidenciando a possibilidade de utilização desses materiais como fontes históricas (2018, p. 125).

Os cadernos escolares podem conter informações fundamentais que pode responder os questionamentos desta pesquisa, especialmente por ser um documento que não lhe cabe tratamento ou alterações. O caderno escolar nesta proposta de pesquisa é visto como um artefato empírico do qual os dados são percebidos, extraídos, sistematizados e analisados. Tal artefato tem caráter didático e disciplinar e é utilizado como recurso escolar indispensável para o desenvolvimento da prática do ensino, bem como de avaliação e controle do aprendizado. Para além dos objetivos do caderno escolar, este pode conter informações subjetivas do aluno, como marcas, borrões, anotações diversas, recados, reclamações, ou desenhos que possam expressar sentimentos e emoções dos alunos, entre outros registros.

Esses registros “outros” podem ser importantes fontes de pesquisa, desde que o olhar do pesquisador esteja aguçado para tal. Neste sentido, é importante perceber que as funções para as quais este artefato se destina podem ir além de apenas

registrar conteúdos, ou tornando-se apenas instrumento didático pedagógico de ensino e aprendizagem.

Olhares aguçados podem ver para além do que está visível, inferindo situações implícitas, veladas, que possam dar conta de responder a inquietações sobre as situações pesquisadas envolvendo as práticas curriculares das escolas, bem como contribuir nos entendimentos e nas reflexões pertinentes, assim concordamos que;

Os cadernos são produzidos diariamente nas salas de aula e, mesmo com a ascensão das novas tecnologias, permanece entre os materiais escolares, ainda que seu uso seja constantemente reinventado. Essa característica torna o caderno uma interessante fonte de informações para pesquisa. Por ser um produto do aluno, mesmo com as intervenções próprias da didática da sala de aula, esse artefato permite que historiadores adentrem a “caixa preta” do trabalho escolar (KIRCHNER, 2018, p. 166).

Sobre o uso do caderno escolar como fonte de pesquisa, Santos e Souza (2005) apontam que há uma diferença em análise de caderno quando dissociado do contexto de sua produção. Saber como e o que se registra no caderno escolar pode ser importante para a pesquisa empírica. Também sobre isso, Kirchner (2018, p.166) vem afirmar que “é importante sempre ter presente que os cadernos escolares também silenciam”, de modo que os cadernos não trazem registros das intervenções orais e gestuais dos docentes para com os alunos, bem como não indicam os tempos improdutivos ou intervalos entre uma tarefa e outra.

O caderno adentra a vida do aluno através da cultura escolar desde de muito cedo, ainda na educação infantil insere-se este recurso pedagógico como um meio para que as crianças registrem seus primeiros passos escolares e, através deste, comecem a perceber a importância e significado que os registros escritos possuem para o aprendizado, de modo que a criança perceba e registre emoções, sentimentos, formas, posição, som, letras, entre outros.

Cabe ressaltar que, independentemente do nível educacional em que o aluno se encontra, o caderno o acompanhará como um importante instrumento de auxílio pedagógico, onde este (o aluno) vai registrar conteúdos e aprendizagens, mas também é um local onde o aluno acaba registrando outros elementos com significados importantes que remetem a emoções, sentimentos e situações cotidianas, bem como registros aleatórios.

Em todo processo de formação escolar o caderno está presente e nele, o aluno deixa registrado erros e acertos, da mesma forma, estão presentes as propostas curriculares que norteiam o ensino escolar, ou pelo menos, parte dela, ou, o que o docente entende como importante para o aprendizado do aluno partindo do que julga adequado mediante sua leitura de mundo, assim;

Os estudos realizados quanto ao enfoque, tema e usos dos cadernos escolares demonstraram que eles foram utilizados como: fonte para o conhecimento das imagens e representações sociais, instrumentos de aculturação escrita, veículos transmissores de valores e atitudes, modo de doutrinação ideológica e política, meio para o estudo do currículo e das diferentes disciplinas e atividades escolares, inovação educativa dentro do movimento da Escola Nova e instrumento de expressão pessoal e subjetiva dos alunos. (VIEIRA; KÜSTER, 2018, p. 115).

É possível compreender o valor do caderno escolar como artefato no qual são registrados elementos como cultura e identidade presentes na subjetividade dos alunos, além dos conteúdos escolares. O processo de construção do conhecimento do aluno também carrega um emaranhado de informações que servem para dimensionar e perceber a configuração e contextualização das práticas pedagógicas escolares nele embutidas, “entendidas como parte do que se tem definido historicamente [...] como cultura escolar” Razzini (2008, p, 92), conceito entendido como “um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses conhecimentos” (JULIA, 2001, p. 10).

Nesse sentido, os cadernos escolares dos alunos inseridos nos anos iniciais do ensino fundamental podem ser considerados fonte segura de informações, e pode ser visto por diversos ângulos que perpassam o ensino e os interesses do currículo oficial nacional, especialmente, sobre as questões étnico-raciais garantidas em lei e que subsidiará nossas discussões no decorrer da proposta desta pesquisa. Entendemos que o caderno escolar, considerado aqui como artefato de pesquisa, “transcende o processo de ensino aprendizagem para inserir-se tanto na formação do professor/educador quanto nas expectativas e interesses dos alunos” (GRINSPUN, 2008, p. 259).

Cabe ressaltar, que o caderno escolar encontrou *status* de instrumento indispensável na prática pedagógica, tornando-se um instrumento essencial para formação do aluno que vão resultar na formação e construções do saber. Assim, Chartier (2008), Grinspum (1990) e Frago (2008), concordam quando afirmam que os cadernos escolares são fontes ricas e inestimáveis de informações resultantes da cultura escolar, podendo ser considerados importantes fontes empíricas de pesquisa que consideram as práticas de ensino escolar, dentre outras.

Cabe reforçar aqui, que o caderno foi introduzido como instrumento pedagógico das práticas escolares de uso contínuo e indispensável antes mesmo da virada do século XX. Desde então o caderno passa a ser utilizado em todas as séries escolar, tendo seu uso iniciada ainda na educação infantil nos seus primeiros anos de processo formativo, como sendo um instrumento de uso obrigatório e indispensável do cotidiano da escola e “ainda que os cadernos se encontrem como objetos que sofreram um processo de naturalização nas práticas escolares, seu uso não é natural para as crianças” Neubert e Schindwein, (2014, p. 7).

Neubert; Schindwein apontam que “o processo de naturalização sofrido pelos cadernos acaba por esconder o grande potencial destes documentos” (2014, p. 7), sendo o caderno um elemento observação sobre o desenvolvimento dos alunos e atividades realizadas pelos alunos em sala de aula. Dessa forma, sua importância acaba por despercebida quando se trata de pensá-lo ou tratá-lo como um documento que contém registros daquilo que estar sendo ensinado. Mignot afirma que o caderno, é um “objeto quase invisível que guarda a memória da educação” (2008, p.13), assim, concordamos que o caderno pode ser considerado um importante elemento empírico de pesquisa. Kirchner (2018) sugere que esse artefato carrega ou seria uma espécie de “caixa preta” do trabalho de uma escola.

Assim, trago uma breve apresentação dos cadernos adquiridos que serão usados como artefato empírico da pesquisa, os quais serão utilizados para investigação, e análises dos conteúdos trabalhados, e produção do resultado, buscando perceber se estes contemplam a Lei Nº 11.645/2008, a partir do que foi trabalhado em sala de aula, e registrado nos cadernos.

Quadro I: Apresentação dos cadernos.

Número de Caderno	Disciplina	Série/Ano	Ano de Uso do Caderno	Escola Nome Fictício	Esfera
1	Língua Portuguesa	1ª	2020	Tereza de Benguela	Municipal
2	Língua Portuguesa	1ª	2020	Aqaltune	Estadual
3	Matemática	1ª	2020	Maria Firmino dos Reis	Municipal
4	Matemática	2ª	2020	Dandara	Estadual
5	Língua Portuguesa	2ª	2020	Dandara	Estadual
6	Matemática	3ª	2020	Tereza de Benguela	Municipal
7	Língua Portuguesa	3ª	2020	Tereza de Benguela	Municipal
8	História	3ª	2020	Maria Firmino dos Reis	Municipal
9	Ciências	3ª	2020	Maria Firmino dos Reis	Municipal
10	Língua Portuguesa	3ª	2020	Maria Firmino dos Reis	Municipal
11	Geografia	3ª	2020	Maria Firmino dos Reis	Municipal

Fonte: Organizado pelos autores, 2022.

Os cadernos aqui apresentados, foram emprestados ou doados por pais ou responsáveis por alunos que estudaram a 1ª; 2ª e 3ª série/ano do ano de 2020 nas escolas públicas estaduais, e municipais do contexto educacional Humaitá/AM. Por conta dessa pesquisa se tratar do contexto educacional de Humaitá, e não de escolas específicas, é que tratarei as escolas identificadas pelos escritos registrados nos cadernos dos alunos por nome fictício para que não haja sua identificação.

Assim, os nomes foram escolhidos por me pesquisadora, por eu ser uma mulher/estudante/negra, e por ter iniciado a dissertação da qual se trata este recorte com minha autonarração, que resolvi fazer uma singela homenagem as mulheres negras que fizeram, e deixaram histórias marcadas na construção deste país. Assim, cada vez que mencionar as escolas usarei seus nomes fictício discriminado de acordo com o quadro.

Quanto a identificação dos cadernos, os mesmos serão identificados primeiramente por números, e pela escola como o nome fictício, por série/ano que o aluno estudava durante a sua utilização, por fim pela disciplina identificada. Os cadernos foram capturados pela técnica de busca Snowball ou Bola de Neve de Baldin e Munhoz (2011), que permite não somente facilidade no contato, mas que, a informação possa ser compartilhada de forma ágil. Assim, possibilitando maiores chances de conseguir bons resultados na busca.

Considerações Finais

É importante salientar a importância do caderno escolar como material empírico de pesquisa, resultante de práticas e currículo escolar que pode mostrar conteúdos e/ou rupturas em torno do que é, ou não, estabelecido por lei e documentos oficiais. Assim, por depender de orientações e regras para uso, o caderno, passa a ser o principal objeto de atenção de professores. Pois é através deste, que observam os primeiros passos, avanços e desenvolvimento do processo formativo dos alunos,

como seus primeiros rascunhos, letras, desenhos e todas as demais, além de todas as questões formais que envolvem o caderno em sala de aula.

Cabe ressaltar ainda que, o caderno pode ser considerado um documento escolar composto de descrições registradas que anunciam ou denunciam aquilo que foi ou não trabalhados em sala de aula, além de mostrar conteúdos estabelecidos nas grandes. Dispõe também das práticas realizadas pela escola, compondo informações normativas do controle escolar e do sistema de ensino, ou seja, o caderno pode ser um artefato importante de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BALDIN, Nelma. MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. **Snowball (Bola de Neve):** Uma Técnica Metodológica Para Pesquisa em Educação Ambiental Comunitária. I Seminário Internacional de Representações Sociais. Subjetiva e Educação - SIRSSE. X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba 7 a 10 de novembro de 2011.

BAPTISTA Maria Manuel. **Estudos Culturais: O Quê e o Como da Investigação.** Carnets, Cultures littéraires: nouvelles performances et développement, nº spécial, automne / hiver 2009, pp. 451-461. <http://carnets.web.ua.pt>

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** 06 de dezembro de 2017. Disponível em <mec.gov.br> Acesso em 02 de abril de 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei Nº 10.639 DE 09 de janeiro 2003.** Disponível em <[L10639 \(planalto.gov.br\)](http://L10639.planalto.gov.br)> Acesso em 09 de jan de 2022.

BRASIL. **Lei Nº 11.645 de 10 de marco de 2008.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm Acesso em: 09/05/2022

BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em 09 de jan de 2022.

CHARTIER, Roger. **A história cultural. Entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1990

DANTAS, Carolina Vianna. MATTOS, Hebe. ABREU, Martha. **O Negro no Brasil: Trajetórias e Lutas em Dez Aulas de Histórias.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Bahia: Editora Edufba, 2008.

FERNANDES, Jorge. **Da Trajetória Escolar ao Sucesso profissional: Narrativas de Professoras e Professores Negros.** 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017.

FRAGO, Antônio Viñao. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 15- 33.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. - São Paulo. Atlas, 2002.

GRINSPUN, Mírian Paura Sabrosa Zippin. Velhos cadernos, novas emoções. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 257-265.

JULIA, Dominique. **A cultura escolar como objeto histórico.** Revista Brasileira de História da Educação. Campinas, n. 1, jan./jun. 2001, p. 9-43.

KIRCHNER, Cássia Aparecida Sales Magalhães. **A análise do caderno escolar como recurso didático nas aulas de história da educação Pedagogo.** Foco, Iturama (MG), v. 13, n. 10, p., jul./dez. 2018 DOI: 10.29031/pedf. v13i10.366

LAFFIN, Maria Hermínia Lage Fernandes. BOTEGA, Gisely Pereira. WERLE, Verônica. MOSER, Denise Consuelo. **Entre as perspectivas reflexivas, críticas e pós críticas:** uma análise da formação de professores nos Programas de Pós-Graduação em Educação de Santa Catarina Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 15 - n. 1 - Itajaí, jan-abr 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. – 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U, 2013.

MOREIRA, Antônio Flávio. SOARES, Magda. FOLLARI, Roberto A. **Para Quem Pesquisamos para Quem Escrevemos.** Regina Leite Garcia (Org). 3ª ed. São Paulo. Cortez. 2011

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Aprendendo com os cadernos escolares:** sujeitos, subjetividades e práticas sociais cotidianas da escola. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 130-142.

PARAÍSO, Marluce Alves. **Pesquisas Pós-Críticas em Educação no Brasil: Esboço de um Mapa.** Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico:** Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2ª ed. Novo Hamburgo; RS. FEEVALE. 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo. Colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. **Instrumentos de escrita na escola elementar:** tecnologias e práticas. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 91-113.

RIBEIRO, Débora. **O Conhecimento Moderno Ocidental à Luz do Pensamento Decolonial Latino – Americano Como; Aprender, desaprender e reaprender a partir dos movimentos Sociais.** Currículo sem Fronteiras, V. 18, n.3, p.1057 a 1076, set./dez. 2018.

ROMANOWSKI, J. P. ENS, R. T. **As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação.** Diálogo Educ., Curitiba, v. 6, n.19, p.37-50, set./dez. 2006.

SANTOS, Anabela Almeida Costa e. SOUZA, Marilene Proença Rebello de. **Cadernos Escolares: Como e o que se registra no contexto escolar?** Psicologia Escolar e Educacional, 2005 Volume 9 N. REVISTA AMAZÔNIDA, 2016, ANO 01, Nº 01, p. 61-8.

SANTOS, Jusciléia Florêncio dos. Alves, Maria Isabel Alonso. **Produções científicas acerca das questões étnico-raciais presente nos cadernos escolares.** Research, Society and Development, v. 10, n. 6, eXX, 2021 (CC BY 4.0) | ISSN 2525-3409 | DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i4.XXXXX>

SÁ-SILVA, Jackson Ronie. Almeida, Cristóvão Domingos de. Guindani, Joel Felipe. **Pesquisa Documental:** Pistas Teóricas e Metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Ano I - Número I - julho de 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SOUZA, Marinês Viana de Souza. **A Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos Planos de Educação:** Os Contextos Nacional e Local em Perspectiva. Revista Amazônia, 2016, ano 01, Nº 01, p. 61-81

VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. KÜSTER, Eliane. **O Visível e o Invisível nos Cadernos Escolares de Uma Aluna da Terceira Idade na EJA**. Revista Teias v. 19 • n. 53 • Abr./jun. 2018.

VIÑAO, Antônio. **Os cadernos escolares como fonte histórica**: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, A. C. V. (org.). Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008, p. 15- 33.

WORTMAN, Maria Lúcia Castagna. **Cultura, Pode e Educação um debate Sobre Estudos Culturais em Educação**. Canoas. Ulbra; 2005.